

Ana Cristina Macário Lopes

CELGA/FLUC

acmlopes@fl.uc.pt

### ***Afinal: elementos para uma análise semântico-pragmática***

*Resumo:* Neste trabalho, analisam-se os diferentes valores semântico-pragmáticos que *afinal* pode assumir no Português Europeu Contemporâneo, a partir da análise de ocorrências recolhidas num um *corpus* da imprensa escrita. Partindo de um quadro teórico cognitivo-funcional, coloca-se a hipótese de que os diferentes valores atestados resultam de extensões de um valor prototípico básico de um adverbial de natureza temporal, motivadas essencialmente por razões de carácter discursivo-pragmático.

*Palavras-chave:* advérbio, gramaticalização, pragmatização

*Abstract:* This paper describes the meanings and uses of *afinal* in contemporary European Portuguese. The data were collected in a newspaper *corpus*. Within a cognitive-functional framework, I argue that there is a basic prototypical temporal meaning from which emerge other meanings, pragmatically motivated.

*Keywords:* adverbs, grammaticalization, pragmaticalization

## **1. Introdução**

Este estudo inscreve-se num projecto de investigação que tenho vindo a desenvolver no âmbito do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA), sobre conectores discursivos de natureza adverbial ou preposicional em Português

Europeu contemporâneo (doravante PEC). O objectivo último deste projecto de investigação é construir uma tipologia de conectores, fundamentada numa análise minuciosa e rigorosa dos seus valores semânticos e pragmáticos, a partir de um estudo de ocorrências em *corpora*. Na génese deste projecto, encontra-se o desafio exercido pelo objecto texto/discurso e a vontade de explorar alguns dos mecanismos linguísticos que sustentam a coerência relacional<sup>1</sup> do texto em PEC, escassamente contemplados nas gramáticas disponíveis. Esta linha de investigação rapidamente se revelou muito fecunda, com inúmeros caminhos a trilhar no âmbito das recentes pesquisas sobre as relações discursivas que garantem a construção de uma representação mental coerente de um texto e que relevam de diferentes domínios da significação linguística, nomeadamente o domínio do conteúdo, o domínio epistémico e o domínio pragmático (ou ilocutório)<sup>2</sup>.

A análise dos dados empíricos desde cedo abriu uma outra linha de investigação promissora. Com efeito, sendo os itens em apreço intrinsecamente polifuncionais, em sincronia, colocou-se a hipótese de se poder analisar tal polifuncionalidade no quadro de uma caracterização polissémica e radial dos itens lexicais, que envolve extensões motivadas a partir de um centro prototípico. Esta linha de investigação permite corroborar algumas das teses avançadas no âmbito do estudo dos processos de gramaticalização e pragmatização de advérbios de valor espacial e temporal, que

---

<sup>1</sup> Utilizo a expressão *coerência relacional*, na esteira de SANDERS *et al.* (2001), para designar as relações de sentido que permitem interligar segmentos textuais/discursivos, quer ao nível intrafrásico, no quadro da frase complexa, quer a nível interfrásico, ou seja, entre frases independentes.

<sup>2</sup> Cf. SWEETSER (1990).

passam a assumir, em determinados contextos, valores instrucionais de natureza conectiva.

Este trabalho é uma primeira versão de um estudo sobre os diferentes valores que o item *afinal* assume no discurso, em função dos seus distintos contextos de ocorrência. Do ponto de vista teórico, o quadro cognitivo-funcional é o que se afigura mais produtivo para a descrição e explicação dos dados. O ponto de partida é o seguinte: inerentemente polifuncional, o item em apreço parece resultar de um processo de gramaticalização e pragmatização de uma expressão que em estádios pretéritos da língua terá contribuído para o conteúdo proposicional dos enunciados hospedeiros, expressando um valor temporal; esse valor ter-se-á entretanto perdido, passando *afinal* a funcionar, no PEC, como instrutor de processamento e marcador de constricções pragmáticas, formatando o contexto requerido para o seu uso apropriado.

O *corpus* que serviu de base a este estudo (42 ocorrências contextualizadas de *afinal*) foi recolhido no CETEMPúblico (primeiro milhão) (<http://acdc.linguateca.pt>). Também recorri pontualmente ao *Corpus* do Português organizado por Davies e Ferreira (<http://www.corpusdoportugues.org/>), para ilustrar usos temporais de *afinal* não atestados em sincronia, e ao *corpus* Natura/Público (<http://acdc.linguateca.pt>), para diversificar os exemplos de *afinal* como conector justificativo/explicativo.

A estrutura deste trabalho é a seguinte: na primeira parte, descreverei o comportamento sintáctico de *afinal* e caracterizarei os diferentes valores semânticos e pragmáticos que os exemplos atestam. Ao longo desta descrição, testo a possibilidade de substituição de *afinal* (ou *afinal de contas*) por *ao fim e ao cabo*, *no fim de contas*, com o objectivo de apurar a sua equivalência funcional. Numa segunda parte do trabalho, tentarei esboçar um tratamento integrado de *afinal*, e discutirei as possíveis

explicações para as extensões verificadas a partir do significado básico de natureza temporal.

## 2. Valores de uso de *afinal*

### 2.1. Valor temporal

Etimologicamente, *afinal* provém do adjetivo *final*, parafraseável por *último*. Veja-se um exemplo do séc. XV, retirado do *corpus* Davies/Ferreira:

(1) Da final impenitencia he de notar que nom diz contynuaçom de pecado ata **a** fym, mas em todo pecado, em no qual cada hûu acaba ciintemente, he dita fynal impenitencia. Mas a final impenitencia, assy como he hûa specia de pecado em o espirytu sancto, segundo que se aquy toma, assy he dicto proposito de nom fazer penitencia [D. Duarte, Leal Conselheiro].

A primeira ocorrência de *afinal*, no mesmo *corpus*, provém do séc. XVII e é parafraseável por *por fim*:

(2) “deste dito ã fez por então caso Ariano; mas, querendo cortar dilações, sentenciou *afinal* a Filemon e Apolónio que fossem degolados e enterrados onde estavam os corpos de São Asclas e São Leonides(...)”[ *Corpus* Davis/Ferreira, séc. XVII, Manuel Bernardes, Nova Floresta]

Este valor temporal é referido no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, nos seguintes termos: “num tempo posterior a tudo o resto, no fim ou depois de tudo.” Neste Dicionário, *afinal* é integrado na classe dos advérbios<sup>3</sup>. Também no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* se menciona este valor de *afinal*, parafraseável por *por fim*, *enfim* e *finalmente*, sendo idêntica a integração do item na classe dos advérbios. No *corpus* CETEMPúblico, não encontrei uma única ocorrência do item com este valor. Mas no *corpus* Davies/Ferreira, para além do exemplo já referido, encontrei outras ocorrências de *afinal* ( ou *a final*) com o mesmo valor. Vejam-se os exemplos seguintes:

(3) Offerece a principio dous Epicheiremas de cinco proposições, depois um sillogismo, e a final um enthymema [*Corpus* Davis/Ferreira, séc. XIX, Francisco Freire de Carvalho, Eloquencia]

(4) e ela ...morre por outro. Bem podia consentir a desgraça que eu morresse sem este desengano. Vinte anos a adorar esta filha, um ano a agonizar ao pé da sua agonia... e *afinal* ouço-lhe dizer que morre por um homem... que não era seu pai. Escabujou em ânsias muito aflitivas, pedindo a Deus com dilacerante esforço que lhe abreviasse o transe. [*Corpus* Davis/Ferreira, séc. XIX, Camilo Castelo Branco, Aquela casa triste]

(5) senhor, armei-me de toda a minha gravidade, e exigi que falasse e me dissesse tudo o que havia e tudo o que sabia a respeito de uns passeios aos Canaviais; ele

---

<sup>3</sup> Em CUNHA e CINTRA (1984), é incluído nas “palavras denotativas de situação”.

estava perro, mas *afinal* falou. [ *Corpus Davis/Ferreira*, séc. XIX, Júlio Dinis, Morgadinha dos Canaviais]

Em todos estes exemplos, *afinal* pode ser substituído por *por fim* ou *no fim*. Com este valor, *afinal* funciona como ordenador temporal: a situação descrita na frase em que ocorre é a última de uma sequência. Dada a sua função, diremos que se trata de um advérbio conectivo de ordenação sequencial, operando, por conseguinte, ao nível da localização temporal relativa de situações. Integra o paradigma das expressões adverbiais conectivas de ordenação (*primeiro/em primeiro lugar, depois, seguidamente, por fim*, entre outras).

Os advérbios conectivos não verificam as propriedades dos advérbios adjuntos a SV. Com efeito, não podem ser focalizados através de construções de clivagem (4a), não ocorrem no escopo da negação de foco (“focusing negation”) (4b), não são focalizáveis por advérbios restritivos (4c) e não podem ser contrastados com outras expressões adverbiais em interrogativas alternativas, o que mostra que estão fora do escopo da interrogação (4d):

(4 a) \* (...)e é *afinal* que lhe ouço dizer que morre por um homem que não era seu pai.

(4 b) \* e não lhe ouço dizer *afinal* que morre por um homem que não era seu pai, mas em primeiro lugar.

(4 c) \* e só *afinal* lhe ouço dizer que morre por um homem que não era seu pai.

(4 d) \* ouço-lhe dizer que morre por um homem que não era seu pai *afinal* ou em primeiro lugar?

Sintacticamente, os advérbios conectivos têm, pois, um comportamento que os distancia dos adjuntos a SV e os aproxima dos advérbios de frase. No entanto, ao contrário destes últimos, que modificam uma proposição, os advérbios conectivos estabelecem nexos semânticos entre proposições: no caso vertente, um nexo de ordenação temporal sequencial. Podem co-ocorrer com conjunções (como (4) atesta) e têm mobilidade na frase (4e):

(4e) e (*afinal*) ouço-lhe (*afinal*) dizer (*afinal*) que morre por um homem...

É relevante assinalar desde já que (5) activa uma implicatura de quebra de expectativa. A ocorrência de *mas* é certamente relevante para a activação dessa implicatura, uma vez que sinaliza um contraste entre o que de facto se verifica e aquilo que se esperava que acontecesse. Julgo estarmos perante um contexto típico de transição: *afinal*, sem perder o seu valor temporal básico, parece também contribuir para um reforço da implicatura activada pela conjunção adversativa.

## 2.2. Valor de contra-expectativa

Vejamos agora os valores de *afinal* atestados no CETEMPúbico, *corpus* que reflecte o funcionamento do item em sincronia. Atente-se nos seguintes exemplos:

(6) Quando se previa uma reunião agitada, a assembleia geral ordinária da Federação Portuguesa de Râguebi (...) *afinal* decorreu na “paz dos anjos.

(7) Agora, através de um dos seus mais próximos apoiantes, fez saber que, *afinal*, a sua opinião só será conhecida no Congresso (...).

(8) O excesso de fosfato nas águas do Guadiana, *afinal*, não é recente.

Antes de avançar para a caracterização semântico-pragmática destas ocorrências de *afinal*, analise-se o comportamento do item do ponto de vista da sua posição na frase:

(6a) (*afinal*) A assembleia geral ordinária da Federação Portuguesa de Râguebi (*afinal*) decorreu (*afinal*) na “paz dos anjos” (*afinal*).

Como (6a) demonstra, *afinal* pode ocorrer em posição inicial, final ou medial, e, neste caso, em posição pré ou pós-verbal. Manifesta, pois, mobilidade, embora só possa ocorrer entre categorias sintáticas maiores. Ainda do ponto de vista sintático, verifica-se que *afinal*, em sincronia, não se comporta com adverbial adjunto a SV, pela aplicação dos testes acima mencionados. Poder-se-ia levantar a hipótese de que *afinal*, dada a resistência aos testes referidos, integraria a classe dos adverbais frásicos, isto é, os que modificam a totalidade da proposição. No entanto, o comportamento semântico de *afinal* não parece assimilável aos dos adverbais frásicos prototípicos (por exemplo, os adverbais modais, como *possivelmente*): de facto, o adverbial frásico funciona como predicado de segunda ordem, aplicado a um argumento proposicional; já *afinal* manifesta o comportamento típico dos activadores pressuposicionais, relacionando a proposição expressa com uma proposição implícita, como se verá a seguir.

Nos exemplos (6) a (8), que ilustram de forma paradigmática um dos contextos de uso mais frequentes do item em PEC. *Afinal* sinaliza que a predicação expressa pela frase que o contém anula uma expectativa prévia. Em (6), o próprio contexto discursivo\_ a subordinada introduzida por *quando* \_ explicita a expectativa relevante (“previa-se uma reunião agitada”) que seguidamente é anulada pela frase subordinante



(“a reunião decorreu na paz dos anjos”).<sup>4</sup> O enunciado (6) é semanticamente equivalente a (6 b):

(6b) Previa-se uma reunião agitada, mas *afinal* a assembleia geral decorreu na paz dos anjos.

Em (6 b), a implicatura de quebra de expectativa é activada por *mas*, sendo que a ocorrência de *afinal* parece reforçá-la: *mas, ao contrário do que se esperava, (...)*.

Veja-se ainda (6c), uma outra paráfrase possível de (6):

(6c) Previa-se uma reunião agitada, mas a assembleia geral ordinária da Federação Portuguesa de Râguebi *acabou por* decorrer na paz dos anjos.

A construção *acabou por* (+ Infinitivo) substitui *afinal*, reforçando igualmente a implicatura relevante de quebra de expectativa sinalizada por *mas*. Neste tipo de ocorrências, o verbo *acabar* não funciona como verbo pleno: o valor lexical primitivo perde-se, dando origem à marcação enfática de um contraste entre o que se pressupunha que acontecesse e o que de facto aconteceu.<sup>5</sup>

Confrontando as paráfrases propostas com o enunciado original (6), verifica-se que em (6) *afinal* absorveu o valor de sinalização de quebra de expectativa do conector adversativo, deixando de ser necessária a sua explicitação. Assim, a instrução veiculada

---

<sup>4</sup> Nos exemplos (7) e (8), a expectativa tem de ser inferida.

<sup>5</sup> Parece tratar-se de um processo de gramaticalização do verbo *acabar*, em contextos de co-ocorrência com a preposição *por*.

por *afinal*, num contexto *afinal p*, pode ser formulada nos seguintes termos: interpretar a ocorrência da situação descrita em *p* como contrária à expectativa do falante, correspondente a  $\sim p$ .<sup>6</sup>

Note-se que o uso pré-verbal de *sempre*, em PEC, pode também activar uma expectativa que contrasta com a situação descrita, como já assinalámos em LOPES (1998) e (2006). Daí a sua plena compatibilidade com *afinal* em contextos como o que se exemplifica em (9):

(9) *Afinal* sempre vale a pena fazer sacrifícios pelo livro.

Mas *sempre* pode também sinalizar confirmação de expectativas, ou seja, é um marcador discursivo intrinsecamente subdeterminado, o que não acontece com *afinal*. Em termos de significado instrucional codificado, *afinal* sinaliza sempre que a situação descrita no enunciado em que ocorre anula uma expectativa (ou crença) prévia. Assim, *afinal* funciona como um activador pressuposicional:<sup>7</sup> convoca uma assunção implícita, formatando deste modo o contexto que torna o seu uso adequado. Tem, pois, uma interpretação directamente pragmática.

---

<sup>6</sup> Não se exclui a possibilidade de essa proposição implícita  $\sim p$  poder corresponder a uma crença prévia do falante ou, de forma mais lata, da comunidade: o exemplo (8) parece apontar nesse sentido.

<sup>7</sup> Na esteira de KARTTUNEN & PETERS (1979), considero que *pressuposição* e *implicatura convencional* são expressões que denotam o mesmo fenómeno: uma inferência pragmática activada pelo significado convencional de uma expressão linguística, não cancelável, mas que não contribui para as condições de verdade da proposição.

Uma representação aproximada da pressuposição activada envolveria uma proposição *p* encaixada sob um verbo de atitude proposicional flexionado no passado e tipicamente na 1ª pessoa (*esperava, esperávamos / acreditava, acreditávamos que p*), cuja polaridade contrasta com a do enunciado em que ocorre *afinal*.

Com este valor, *afinal* comuta livremente com *afinal de contas*. Das 42 ocorrências do *corpus*, 20 ilustram este valor (47,6%).

### 2.3. Valor de reforço epistémico

Atente-se nos seguintes exemplos:

(10)“Não terá por outro lado muitas dificuldades em convencer os sul-coreanos da bondade das suas ideias, que radicam *afinal* num passado político de resistência e de infortúnio total.”

(11)“A sua obra (da publicidade à pintura, do cinema à música, sendo produtor do Velvet Underground) provoca sucessivos efeitos de excesso que são, *afinal*, um excesso de presença do real.”

(12) “desta escrita se depreende (...) a sensação de que terá havido, algures no passado, um idílio que se perdeu e se viu transformado na grosseira “sopa de excrementos” que nos rodeia e que resulta, *afinal*, da degradação sofrida pelas próprias pessoas”.

A paráfrase mais aproximada destas ocorrências de *afinal* parece-me ser *como se sabe*, ou ainda *de facto, na verdade*. Ao introduzir *afinal* no seu discurso, o falante sinaliza e sublinha a plausibilidade epistémica da proposição hospedeira, apresentando-a

como algo que é conhecimento partilhado, comumente aceite. *Afinal* funciona como um comentário inciso do falante, com um efeito cognitivo de enfatização do valor de verdade do proposição em que ocorre.

Os contextos que prototipicamente me parecem favorecer esta interpretação são frases relativas explicativas e frases gerundivas ilativas,<sup>8</sup> ocorrendo *afinal* em posição adjacente ao verbo, à direita.

Com este valor, *afinal* comuta livremente com *ao fim e ao cabo* e *no fim de contas* (e também com *de facto, na realidade* ou *na verdade*). No *corpus*, há 14 ocorrências, num total de 42, com este valor (30,9%).

#### **2.4. Conector de justificação/explicação**

Vejam-se agora os exemplos (13) a (15):

(13) Acusados de agressões por apedrejamento, Paulo, de 17 anos (...), tem de pagar uma caução de 20 contos (*afinal de contas* ainda é estudante do 8º ano) e Victor, de 24 anos e electricista, fica obrigado a entregar 50 contos.

(14) É natural que tenham existido erros, *afinal* foi o primeiro jogo que aquela dupla (...) fez este ano.

(15) Até qui tolera-se\_ *afinal* não é fácil manter um programa sempre com o mesmo nível de qualidade.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Adopto a terminologia de FERNÁNDEZ LAGUNILLA (1999), que considera que os gerúndios ilativos expressam um comentário ou uma explicação que se aduz à predicação anterior.

Nos exemplos, *afinal* (*de contas*) sinaliza que os enunciados por ele prefaciados funcionam como justificação do que foi dito anteriormente. Por outras palavras, *afinal* codifica a instrução de que o segmento que introduz é um argumento forte que explica/justifica a proposição expressa no primeiro segmento da construção; ao mesmo tempo, ao usar *afinal* o falante sugere que o interlocutor aceitará facilmente como argumento a proposição que *afinal* introduz e isto porque tal argumento configura um facto ou uma assunção consensual, algo que não oferece dúvidas nem suscita contestação. Assim, trata-se de uma estratégia discursiva que visa levar o interlocutor a aprovar a decisão ou opinião vazada no primeiro membro da construção, credibilizando-a.

De forma mais rigorosa, numa estrutura *p, afinal q*, o segmento *q* apresenta a explicação de *p* ou razão que levou o falante a dizer *p*, e a presença de *afinal* marca a informação contida em *q* como totalmente plausível.

No *corpus* CETEMPúblico, só aparece uma ocorrência com este valor, aqui reproduzida no exemplo (13), em que *afinal* aparece integrado na expressão fixa *afinal de contas*. Assim, a percentagem de ocorrências é de 2,3 %. Há, no entanto, um exemplo curioso em que *afinal* co-ocorre com a conjunção causal/explicativa *porque*:

(16) “Ou até de quem, naturalmente por culpa dos seus ínfimos “méritos”, consegue por incrível que pareça licenciar-se em História ou Filosofia e nem

---

<sup>9</sup> Os exemplos (14) e (15) foram retirados do *corpus* NaturaPúblico. A escassez de exemplos, no *corpus* CETEMPúblico, de um uso que a minha intuição de falante nativa avalia como produtivo, no PEC, levou-me a uma pesquisa suplementar no *corpus* mencionado.

para bengaleiro de discoteca de província é admitido, porque *afinal* nem é coisa digna para um doutor.”

Note-se que nos exemplos (13) a (15), é possível inserir a conjunção *porque* no início do segundo enunciado, sem que se altere o valor do nexos conectivo  $_p$ , *porque* *afinal*  $q$ . Numa construção deste tipo, o nexos explicativo/justificativo é sinalizado pela conjunção. Julgo estarmos de novo perante um contexto típico de transição: *afinal* pode ainda ser parafraseado por *como se sabe*, *de facto*, e simultaneamente parece também contribuir para um reforço redundante da instrução expressa pela conjunção causal/explicativa. Na ausência da conjunção, *afinal* incorpora o seu valor, desde que os conteúdos proposicionais não bloqueiem a interpretação explicativa/justificativa.

Com este valor, *afinal* comuta com livremente com *no fim de contas*, *afinal de contas* e *ao fim e ao cabo*.

## **2.5. *Afinal* em frases interrogativas**

Centremo-nos agora nos exemplos (11) e (12):

(11) Hospital pediátrico Maria Pia: de quem é a culpa, *afinal*?

(12) O açúcar *afinal* é preciso ou não?

Bastante frequente em frases interrogativas, *afinal* parece ocorrer tipicamente num contexto de disputa inconclusiva. Implícita um conjunto de tomadas de posição não convergentes sobre o tópico e é parafraseável por *em conclusão*.

No *corpus*, há 7 ocorrências de *afinal* em frases interrogativas, o que equivale a 16,6%.

### 3. Para uma análise integrada dos diferentes valores de *afinal*

Assume-se que o valor básico, tendo em conta a própria etimologia do termo, é de natureza temporal, parafraseável por *no fim*. Com este valor, *afinal* funciona como ordenador temporal, sinalizando que a situação descrita pela proposição que tipicamente introduz é a última de uma sequência. Opera, pois, ao nível da localização temporal relativa de situações. Em sincronia, este valor não é actualizado, mas, como vimos, está atestado em textos do Português de estádios anteriores da língua.

A emergência do valor de sinalização de contra-expectativa deve ter surgido, como extensão/derivação deste valor primitivo, em contextos de co-ocorrência de *afinal* com *mas*, contextos nos quais a leitura temporal pode ainda ser activada, mas onde já é possível uma outra leitura, de reforço redundante do valor instrucional de *mas* (que, como é sabido, implica um contraste entre o que se assere (*q*) e o que se esperaria que acontecesse, dado *p* (esquemáticamente, *se p, então normalmente ~q*)<sup>10</sup>.

Como afirma TRAUGOTT (1997:8), a propósito da mudança semântica de expressões adverbiais, “the contexts in which new uses of old form-meaning pairs arise are clearly linguistic: the new meanings are reinforced by juxtaposition with connectives that sharply constrain the implicatures.”

Assim, *afinal* parece ter acabado por absorver/incorporar o valor instrucional associado à conjunção *mas*, passando a actualizá-lo na sua ausência: em contextos do

---

<sup>10</sup> Note-se que *mas* e *afinal* ainda co-ocorrem frequentemente no PEC. No CETEMPúblico, encontramos 6 ocorrências.

tipo *afinal p*, passa, então, a sinalizar que a proposição expressa anula uma expectativa (ou crença) prévia implícita, explicitável através de uma proposição de polaridade oposta. Assim:

1ª extensão : ordenação temporal (fim de sequência de situações) > p mas  
*afinal q* (contexto de transição)> sinalização de quebra de expectativas (*afinal p*)

Quando sinaliza quebra de expectativa, *afinal* funciona como ativador pressuposicional, relacionando a proposição expressa com uma proposição implícita e, nestes casos, é sempre possível construir uma paráfrase que articule as duas proposições através do conector *mas*.

O valor de sinalização de argumento que justifica uma asserção prévia deve ter emergido em contextos de co-ocorrência de *afinal* com *porque*, uma vez mais pela secundarização do valor temporal, que deixa de ser interaccionalmente relevante, e consequente reforço redundante do valor da conjunção causal/explicativa.

Como se viu nos exemplos (13) a (15), *afinal* parece ter definitivamente incorporado o valor instrucional da conjunção causal/explicativa, deixando de ser necessária a presença de pistas redundantes. Assim:

2ª extensão : ordenação temporal (fim de sequência de situações) > p porque  
*afinal q* (contexto de transição)> justificação (p, *afinal q*)



O valor de reforço epistémico pode, a meu ver, ser explicado da seguinte forma: nos contextos em que emerge a leitura de contra-expectativa, o contraste sinalizado entre o que se esperava que acontecesse e aquilo que de facto se verifica acaba por pôr em relevo a verdade da proposição expressa, implicando uma modalização no lugar mais alto da escala epistémica. A convencionalização desta implicatura poderá ter dado origem ao valor de reforço epistémico acima descrito, que acaba por se impor nomeadamente nos contextos em que a proposição hospedeira veicula informação “taken for granted”. Assim:

3ª extensão: *afinal* p (contra-expectativa) > implicatura de reforço epistémico de p > convencionalização da implicatura (*como é sabido*)

O valor de *afinal* em frases interrogativas pode considerar-se uma projecção metafórica do valor temporal (*no fim*) no plano epistémico (no fim do raciocínio, *em conclusão*).

O valor de *afinal* que claramente se manifesta como mais saliente, em sincronia, tendo em conta as ocorrências atestadas no *corpus*, é o valor de sinalização de contra-expectativa. Assume-se a frequência como critério pertinente para a identificação do grau de representatividade, logo, do valor prototípico.

No quadro que a seguir se apresenta assinalam-se os valores de *afinal* mais atestados no *corpus*, em frases declarativas, e apontam-se outros conectores discursivos susceptíveis de os marcar no PEC:

Contra-expectativa	Justificação	Reforço epistémico
<i>afinal</i>	<i>afinal</i>	<i>afinal</i>
	<i>no fim de contas</i>	<i>no fim de contas</i>
		<i>ao fim e ao cabo</i>

Os nossos dados apontam para um caso de polissemia funcional sincrónica e ilustram tendências de mudança e recategorização atestadas interlinguisticamente.<sup>11</sup> Começando por este último ponto, assinale-se (i) a recategorização de advérbio em conector, (ii) a perda de um significado básico de natureza temporal, computável proposicionalmente, substituído, em sincronia, por um conjunto de significados de natureza instrucional.

Um estudo diacrónico aprofundado permitir-nos-ia solidificar a nossa hipótese explicativa sobre a codificação das instruções de contra-expectativa e justificação, fortemente condicionada pelos contextos de co-ocorrência de *afinal* com os conectores *mas* e *porque*.

## Referências

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

---

<sup>11</sup> TRAUGOTT & KÖNIG (1991), entre outros.

- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, M. Las construcciones de Gerundio. In Bosque, I. & Demonte, V.(orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, vol.2, Madrid: Espasa, 1999, p. 3443-3503.
- KARTTUNEN, L & PETERS, S. Conventional implicature. In Oh, C.-K. & Dinneen, D.A. (eds), *Syntax and Semantics 11: Presupposition*. New York: Academic Press, 1979, p. 1-56.
- LOPES, A.C.M.. Contribuição para o estudo dos valores discursivos de *sempre*. In. Mota, M. A. & Marquilhas; R. (orgs.), *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, 1998, p. 3-14.
- LOPES, A.C.M. *Antes e sempre*. In Oliveira, F. & Barbosa, J. (orgs.), *XXI Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados*. Lisboa: Colibri, 13-22.
- SANDERS, T. et al. (2001) *Text Representation. Linguistic and Psycholinguistic Aspects*. Amsterdam: Benjamins, 2006.
- TRAUGOTT, E.. *The discourse connective after all: a historical pragmatic account*. <http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>, 1997.
- TRAUGOTT, E. & KÖNIG; E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In Traugott, E. & Heine, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, vol. I., Amsterdam: Jonh Benjamins, 1991, p. 189-218.